

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Maria dos Anjos

registada em 2009-02-11
por

Cláudia Simões e Carla Aguiar

Maria dos Anjos

De nome Maria dos Anjos, nasceu no Tojo há 70 anos, a 6 de Março. Os seus pais, Maria da Piedade e José Augusto “tiravam das fazendas o que vestir, o que comer”. Não conheceu todos os seis irmãos, pois morreram novos. No Tojo não havia escola, por isso Maria dos Anjos não aprendeu a ler, “antigamente não ensinavam os miúdos como agora”. A doutrina foi aprendida no Piódão, andou no ensaio na igreja e fez a Comunhão Solene, de branco. Conta que o marido lhe estava destinado. Casou na sua terra, “antigamente era em casa da rapariga que se fazia o casamento”, aos 23 anos de idade. Do casamento nasceu um filho. Maria dos Anjos trabalhou na floresta mais de cinco anos, a cortar matos e a semear pinhão, mas sempre trabalhou nas suas terras na Mourísia e no Tojo. Nunca foi para Lisboa, porque o seu destino é na Mourísia.

Índice

| | |
|---|----|
| Identificação Maria dos Anjos..... | 4 |
| Ascendência Maria da Piedade e José Augusto..... | 4 |
| Infância "Morreu ainda novinha"..... | 4 |
| Educação "Lá no Tojo não havia escola"..... | 5 |
| Casa "Botavam palha de centeio"..... | 5 |
| Religião "Os anjinhos ao altar"..... | 5 |
| Casamento Um casamento à antiga..... | 5 |
| Descendência Outra geração, as mesmas dificuldades..... | 6 |
| Percurso profissional "Isso é que era um ordenado"..... | 6 |
| Costumes Uma aldeia cheia de cor e festa..... | 6 |
| Lugar A terra do antigamente..... | 10 |
| Quotidiano Dia-a-dia diferente..... | 11 |

Identificação *Maria dos Anjos*



Maria dos Anjos

Chamo-me só Maria dos Anjos. Nasci no Tojo, freguesia do Piódão, a 6 de Março. Tenho 70 anos.

Ascendência *Maria da Piedade e José Augusto*

A minha mãe era Maria da Piedade e o meu pai é José Augusto. Eram do Tojo. Trabalhavam nas fazendas. Dantes só tiravam das fazendas o que vestir, o que comer. Não tinham mais nada. Não havia reformas, não havia nada. Era só nas fazendas. Era com pasto que amanhavam nos terrenos. Apanhavam o pasto para o gado comer todo o Inverno. Plantavam milho, feijão, batata, para comerem todo o ano, couves e mimos. Coisas de mimos: tomate, pimento, cebolas. Tinham ovelhas e cabras. Também tinham galinhas. Coelhos não tinham. Trabalhavam muito. A gente agora não trabalha tanto como eles trabalhavam.

Infância "*Morreu ainda novinha*"

Tinha seis irmãos. Nem conheci alguns. Morreram novos. Só conheci a minha irmã mais nova e o meu irmão que morreu com 30 anos, em Lisboa. O mais velho nem o conheci.

Só me lembra de deixar cair a minha irmã mais nova por uma levada de água. Estava à beira da levada e eu deixei-a cair para água. Era uma levada de

água que ia para regar o renovo. Mas tirei-a para fora. Eu mal a conheci. Morreu ainda novinha. Eu ainda era pequena. Ia, às vezes, quando era mais crescida para o campo, com alguns 14 anos ou 15.

Educação "*Lá no Tojo não havia escola*"

Eu não sei ler. Não fui à escola. Antigamente não ensinavam os miúdos como agora. Não tinham estudos nenhuns. O meu irmão aprendeu. O que morreu. Esse ainda andou na escola. Iam para longe. Na terra não havia. Foi para o Porto da Balsa, outros para o Piódão. Para um lado e para o outro. Lá no Tojo não havia escola.

Casa "*Botavam palha de centeio*"

A casa era antiga como ainda são algumas, com lajes. Era rés-do-chão como a minha agora. Os animais tinham-nos noutro lado. Tinham dois quartos e cozinha. Cozinhavam à lareira. No chão. Antigamente não havia fogões. Era no chão à lareira. Havia quartos, mas era em madeira, não é como agora. Era de qualquer maneira. Os colchões eram de pano e de palha. Botavam palha de centeio. Tinha muito centeio e enchiam-nos de palha.

Religião "*Os anjinhos ao altar*"

A gente ia para o Piódão quando andava na doutrina. Fiquei lá muita vez quando andava a aprender no ensaio, a fazer o ensaio todos os dias. Era na igreja. A gente ficava lá de um dia para o outro para aprender. Então, aprendíamos a doutrina e andávamos no ensaio lá na igreja.

Fiz a Comunhão Solene. Com um véu branco, uma silva na cabeça. Vestido branco, meias brancas, sapatos. Tudo branco. Um véu branco e umas silvas cheias de rosas por volta da cabeça. Todos em fila "pia cima"¹ e os anjinhos ao altar. A gente acenava com a cabeça e depois levantava-se para eles. Uns iam com o padre "pia baixo"² para o fundo. Outros iam andando para cima. Todos em fila. Eram de muitas terras. Era do Tojo, da Fórnea, Chãs d'Égua, Malhada Chã, Piódão. Era tudo para o Piódão. Para a freguesia. Eram muitas.

¹por aí acima

²por aí abaixo

Casamento *Um casamento à antiga*

O meu marido é daqui da Mourísia. Estava o destino marcado.

O casamento foi em casa dos meus pais. Onde é que devia ser? Antigamente era em casa da rapariga que se fazia o casamento. Lá na minha terra, no Tojo. Agora tem lá uma capela grande como é uma igreja. Antigamente era pequenina. Tem a Senhora do Desterro, São José, Menino Jesus, Senhora de Fátima.

Tinha 23 anos. Fui morar para casa dos meus sogros. Depois calhou a mim a casa. Mal conheci a minha sogra. Ela morreu ainda cedo.

Descendência *Outra geração, as mesmas dificuldades*

Tenho um filho. Foi à escola à Moura, a Porto da Balsa. Quando podia ir. Quando o tempo não estava mau, que andavam a pé, não é como agora que vão de carro. Era a pé que andava.

Percurso profissional *"Isso é que era um ordenado"*

Trabalhei na floresta mais de cinco anos, se calhar. A cortar matos, semear pinhão. Era cavar a terra e andavam as pessoas à frente com umas sacas ao ombro e a espalhá-lo. Ganhava 14 escudos, não ganhava mais. Era por dia. E comecei a ganhar 9 escudos, depois foi para 11 depois foi para 14. Assim foi subindo. Comecei tinha alguns 16 anos ou 17. Estava o destino marcado.

Trabalhava também nas minhas terras, quando era mais crescida. Vinha muita vez sozinha. Amanhava aqui na Mourísia e amanhã lá na minha terra. Às vezes deixavam-me fechada em casa. Depois abria a porta e ia lá ter. Fechavam-me em casa porque chegava-me o sono, ficava a dormir, depois acordava e ia para lá ter. Quando era no Verão, no Inverno não.

Era só batata e feijão e mais nada. Dava pouco. Antigamente o renovo produzia pouco. Lá na minha terra não. E para feijão nem era bom. A gente cultivava um poder de terra e não tinha feijão de jeito.

As pessoas iam todas para Lisboa. Eu não, nunca pude ir para Lisboa, porque não calhou. Então o destino é cá.

Costumes *Uma aldeia cheia de cor e festa*

"Antigamente a gente andava mais tempo descalço"

Fazia muito frio. No Inverno, às vezes, caía neve, mas não caía tanta como já chegou a vir.

As roupas eram umas por cima de outras. Antigamente não havia roupas como agora há. Calçavam, às vezes, era umas tamancas abertas. Já me lembra de ir para o Piódão a pé com umas tamancas. À missa. Antigamente não havia calçado como agora há. Era andar com elas nos pés. Levantava para cima, tornava a ir para baixo o pé. Tinham brochas e até espetavam às vezes nos pés, que a gente quando andava descalço sentia-as logo nos pés. Antigamente a gente andava mais tempo descalço. Não é como agora que se tira o calçado ao pé da cama e torna-se a calçar. Antigamente era descalço. Na água, a regar no Verão era descalço. A água não era fria, era quente, encravava nos poços, nas ribeiras. Não é como agora que a água é muito fria. Cá não se pode andar descalços. É fria a água.



Maria dos Anjos

"Se o tiver antes quero milho que quero lá trigo"

Havia muito milho. Vendiam muito. Havia muita gente que comprava. Agora não há ninguém. Semeavam-no aos regos "pia além"³. Depois faziam

³por aí além

outro rego para cima, botava-se o milho, depois abalava-se, sachava-se, empalhava-se e regava-se até se criar. Até dar espiga.

As espigas debulhavam-se com um pau ou no chão, no soalho. Pois. Antigamente não eram placas como agora é. Era um soalho de madeira como as mesas.

Os grãos do milho moíam-se no moinho e cozia-se pão nos fornos. Os moinhos eram tocados à água. Não é como agora alguns. Cada uma tinha às vezes o seu moinho. Outros tinham lá parte. Tinham aquilo dividido. Tal dia é meu, tal noite é minha. Quando calhava iam levar o grão, botavam e moíam. Eu também lá tinha moinhos no Tojo. Ainda lá há-de estar tudo no chão. Os telhados estão caídos, é só as paredes.

A farinha coziavam-na, para comerem em pão. Pão de milho. Ainda é melhor que o outro. Eu se o tiver antes quero milho que quero lá trigo. Trigo não é tão bom. Come-se, vai remediando às vezes. Uma vez por acaso. Amassa-se numa gamela a farinha, água e fermento. Depois coze-se. Coze-se em casa, à cozinha num fogão. Antigamente não havia fogões. Era nos fornos que tinham assim fora de casa. Até tínhamos um ao pé, pegado na casa. Tínhamos outro, mas esse forno era de muitos. Tinham as casas pegadas lá com a da minha mãe. E também vinham lá cozer. Aquecia-se com lenha. Então, varre-se com um vassoiro de mato, de moitas, para a porta e depois bota-se o pão para dentro.

"Também matei o porco"

Também matavam o porco antigamente. Era trabalhar, a olhar não estavam. Então coziavam a carne. Fritavam. Dava presuntos, pás, bandas e lombo. Punham tudo numa caixa de madeira botavam-lhe sal e era para todo o ano comerem. Faziam chouriças, punham no caniço. As chouriças era das de carne. Da carne que tiravam do porco é que faziam as chouriças, umas com farinhas e azeite. Às vezes, até arroz também punham.

Também matei o porco. Faziam cinco colheitas. No Tojo era menos, mas cá fazia-se mais peças do porco que lá. Fazia-se cinco peças. Carne a primeira colheita era para as morcelas. No molho da carne eram bofes. Botavam-se aqueles bofes que eles têm ao pé das fressuras, farinha e azeite. Naqueles que eram morcelas botavam-se era aqueles untos e depois enchia-se também de farinha. Era outra colheita. Eram cinco colheitas. Eram as tripas que eles tinham e outras que compravam. Compravam a tripa e enchiam.

"Faziam missa e botavam fogo"

Aqui na Mourísia é a Senhora da Assunção. E em cima é o Santo António. Quando prometem dizem a missa. Eu vou. Quando se pode ir. Quando não se pode ir não se vai. Lá no Tojo é a Senhora do Desterro do Tojo.

Faziam cá festa na Mourísia. É o dia 3 de Maio. É o dia de Santa Cruz é que faziam a festa. Agora mudaram. Já há muitos anos que é em Agosto. Faziam missa e botavam fogo. Até ouvia o fogo da minha terra. Tinham andores. Enfeitavam os andores, quando era assim da festa. Andavam em volta da capelinha.

Havia música e às vezes a festa da caçoila. Caçoila é que havia muita vez. É a carne para comer. Também já houve cá um ano assim. Foi a festa da caçoila.

Antigamente faziam bailes quando era das festas. E primeiro também vinha para cá gente da minha terra. Às vezes, também vinham cá, havia por aí bailes. Nunca fui a um baile. Nunca dancei. Mas fazem muito barulho e a minha casa é a que está mais perto do salão. Falam ali muito. A gente nem descansa em modo.

"Ranchos a dar a volta às casas no povo"

Na Páscoa vinham dar as boas festas e levar o folar. Agora é que já não vêm. Antigamente era em queijos que davam. Era um prato de queijo na mesa. Agora é dinheiro. É mais leve. Botavam água benta. Beijava-se a Cruz. Até andávamos assim de ranchos. Na minha terra andávamos de ranchos a dar a volta às casas no povo. O povo até era espalhado. Era em três lados, em três povoações.

"É o castanheiro mais valente da Mourísia"

O Castanheiro da Memória é meu. Está filmado. Tem o meu filho. Tem lá uma tábua escrita para toda a gente que lá quiser ir ver. Já está queimado por dentro. Aquilo é só por fora. Foi um homem lá da minha terra que já morreu que deitou lume e ardeu por dentro. Depois rebentou e agora o castanheiro mais valente da Mourísia é aquele. E acharam-lhe graça. É o maior. Não há cá nenhum tão grande, tão largo como aquele. Há mais ao pé, mas não são assim. Já foi filmado mais de há uns cinco anos. Há pessoas que vêm cá de propósito ver. Um rancho.

O magusto faziam no largo. Era castanhas assadas e vinho. É no chão com caruma. É só caruma e lume. Bebem vinho. O vinho é que é melhor com a castanha, não é a água-pé.

Comércios e ofícios

Havia comércio. Mas comércio como agora era preciso ir longe. Até à Benfeita. Era a pé. Mais de algumas duas ou três horas a pé. Não era de carro.

Também era às feiras como agora vão. A Côja, a Arganil. Tinham transporte quando calhava. Quando não calhava era a pé. Carregavam era à cabeça e às costas. Nas cestas, nas vasilhas. Eram os canastreiros que as faziam. Uns compravam-nas feitas, havia canastreiros e faziam-nas. No Tojo havia, mas era no Piódão é que havia lá o canastreiro que as fazia.

Lugar *A terra do antigamente*

Serviços básicos

Ainda é só há uns seis anos ou sete que na Mourísia há a luz. Não haverá há muito mais. Antes era a petróleo um candeeiro em cima da mesa. Não se via nada.

A água ia-se buscar à fonte. Lá abaixo que no largo não havia água. Por cima não havia. Para lavar a roupa era num tanquezito. Até era destapado, agora é que taparam por cima. Já a gente não se molha tanto. Antigamente era com sabão. Não havia detergente.

O efeito da desertificação

Antigamente havia mais gente que agora. Agora que é mais descanso. Há menos gente a fazer barulho quando é em Agosto. Na minha terra, também agora não há lá gente. Estão lá três moradores. Não está lá mais ninguém.

Agora têm as casas melhores que tinham naquela altura. Quando eu para cá vim, para a Mourísia, era tudo a lajes. Quase tudo. Agora tem casarões aí melhores. Antigamente não havia nada. Não havia reformas, não havia nada.

Eu gosto da terra porque é cá melhor, mas que é que há para ver? Há cá matos. O mato quando ele arde vê-se o fogo aí a arder. Isso é que é pior. Anda a gente mais de frente a modo de o defender das fazendas, dos palheiros. Isso é

que é mau. Antigamente também havia muito mato, mas agora há mais, porque não há gados para o comer.

Quotidiano *Dia-a-dia diferente*

A pessoa não vê, não pode andar, não ouve. Como é que pode trabalhar? Não pode trabalhar. É pouco agora. Não se pode trabalhar muito. O que mais vejo é televisão. À casa do povo vou lá poucas vezes. É importante para quem lá vai.